

# SÉRIE MERLÍ: O ENSINO DA FILOSOFIA NO BRASIL E A REFORMA DO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO

Alexandre Matias Silva<sup>1</sup>  
Danilo Rocha<sup>2</sup>

**Resumo:** A Filosofia é o amor ao saber e para isto utiliza o pensamento crítico sobre si e o mundo que o rodeia. Apesar da fama de inutilidade, para muitos, a Filosofia apresenta-se como uma ferramenta útil em um período pragmático e tecnicista, onde não é estimulado a reflexão. Na atualidade muitos brasileiros estão se interessando por Filosofia, porém, a sua disciplina novamente é retirada como obrigatória nos três anos do Ensino Médio. O objetivo deste trabalho é investigar a relevância da disciplina de Filosofia para o Ensino Médio brasileiro atual e utilizando a série Merlí como ilustração. A pesquisa foi realizada através de revisão bibliográfica, em textos físicos e meios digitais, sempre garantindo a confiabilidade das fontes. O ensino de Filosofia necessita de revisões, como todas as outras disciplinas, mas é público e notório, até entre grandes especialistas em educação, suas inúmeras vantagens. Portanto, vemos a necessidade do ensino da Filosofia como disciplina obrigatória em todo o Ensino Médio e para todas as áreas do conhecimento, pois as pessoas precisam fazer, mas precisam também saber o porquê estão fazendo, a série Merlí ilustra alguns desafios desta disciplina e vários benefícios que a Filosofia pode trazer para os jovens.

**Palavras-chave:** Série Merlí. Ensino da Filosofia no Brasil. Reforma do Ensino Médio Brasileira.

## MERLÍ SERIES: THE TEACHING OF PHILOSOPHY IN BRAZIL AND THE REFORM OF BRAZILIAN HIGH SCHOOL

**Abstract:** Philosophy is the love of knowing and for this it uses critical thinking about itself and the world that surrounds it. Despite the reputation of uselessness, for many, Philosophy presents as a useful tool in a pragmatic and technicist period, where reflection is not stimulated. Currently many Brazilians are interested in Philosophy, however, the discipline of Philosophy is again withdrawn as mandatory in the three years of high school. The objective of this work is to investigate the relevance of the discipline of Philosophy for the current Brazilian High School and using the Merlí series as an illustration. The research was carried out through bibliographical revision, in physical texts and digital media, always guaranteeing the reliability of the sources. The teaching of Philosophy needs revisions, like all other disciplines, but it is public and notorious, even among great specialists in education, its innumerable advantages. Therefore, we see the need to teach Philosophy as a compulsory subject throughout High School and for all areas of knowledge, because people need to do, but also need to know why they are doing, the Merlí

---

<sup>1</sup> Possui graduação em ciências jurídicas e sociais pela Universidade Cruzeiro do Sul (1998) e mestrado em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu (2014). Atualmente é consultor jurídico do CENTRO DE ORIENTAÇÃO FISCAL e professor na Faculdade de Tecnologia Carlos Drummond de Andrade - SP. Possui experiência na docência no ensino superior nas áreas de ciências sociais e humanas . Atualmente é também membro pesquisador do grupo de estudos sobre cinema e ensino de filosofia (GECEF-CEUCLAR) e desenvolve estudos e atividades no campo da ética (filosofia) e direitos humanos (junto ao terceiro setor).

<sup>2</sup> Na área de Humanas é Licenciado em Letras - Língua Portuguesa / Literatura e Licenciado em Filosofia pelo Claretiano - Centro Universitário. Especialista em Ensino Religioso Escolar na área de Ciências da Religião pela mesma instituição. Membro-Pesquisador CNPq do GECEF-CEUCLAR - Grupo de Estudos em Cinema e Ensino de Filosofia do Centro Universitário Claretiano. Membro Integrante do GECINE-NESEF - Grupo de Estudos Sobre Cinema e Educação do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre o Ensino de Filosofia da Universidade Federal do Paraná. E-mail para contato: [professordanilorocha@gmail.com](mailto:professordanilorocha@gmail.com)

series illustrates some of the challenges of this discipline and several benefits that Philosophy can bring to young people.

**Keywords:** Merlí Series. Teaching Philosophy in Brazil. Reform of the Brazilian High School.

## 1. Introdução

***“Penso, logo existo”***

Descartes

**D**e acordo com Ferreira (s/d, p. 51), fazendo uso das palavras de Karl Jaspers, lembra-nos: “A Filosofia se destina ao homem e a todos diz respeito.” Mas começaremos com uma questão importante, afinal, o que é filosofia? Segundo Kleinman (2014, p.7), responde a questão acima dizendo que a palavra Filosofia significa “amor à sabedoria”. Cortella (2019): lembra-nos: “Você sabe que quem criou a palavra filosofia, que a gente usa até hoje, foi um matemático[...] Pitágoras[...]” e o mesmo também complementa:

Ora, o que é Filosofia? É a capacidade de refletir sobre o dia-a-dia, sobre o mundo, sobre aquilo que a gente faz, porque que a gente faz o que faz, porque que deixa de fazer, porque não fazemos outras coisas em vez de fazer o que estamos fazendo, isto é, o sentido da vida, o próprio sentido.

Vivemos em um mundo onde sobra pouco espaço para a reflexão, o sentido de nossa vida é pouco pensado, levando-nos assim em uma existência, muitas vezes, desanimada e desmotivada. A Filosofia vem para nos provocar de forma sistemática, é uma área do saber que possui milhares de anos. REINA (2016, p. 5), frisa o rigor da Filosofia com suas questões em torno dos problemas existenciais humanos:

Com mais de 2.600 anos de existência, a filosofia é compreendida como um saber considerado rigoroso, profundo, criativo e crítico que se realiza por meio de reflexões e argumentações sistemáticas. Seu ponto de partida são os grandes problemas existenciais, sociais e políticos enfrentados pela humanidade em todos os tempos e lugares. Busca, a partir de diferentes olhares e perspectivas epistemológicas, entender o modo como os homens enfrentaram e enfrentam a produção de sua existência ao longo da história[...]

A Filosofia se mostra uma importante e confiável ferramenta para nos auxiliar nesse período tão incerto para a humanidade. Cortella (2019), salienta a possibilidade da Filosofia em nos ajudar em despertar para a vida e para nós

mesmos. Ajudar-nos em uma reflexão mais profunda e mostra os benefícios dessa reflexão: “A reflexão nos ajuda a ter uma vida que não seja automática, robótica, uma vida que não seja frouxa, ou na qual a gente tenha esperança sem sentido.” Ainda conforme Cortella (2019): “Filosofia tem a possibilidade de fazer com que a gente seja mais capaz de decidir sobre a nossa vida do que apenas viver a vida que a gente tem”

Novamente Cortella (2013, p. 15), as últimas décadas foram intensas em novidades para a humanidade:

Nos últimos 50 anos tivemos mais desenvolvimento inventivo do que em toda a história anterior da humanidade; em outras palavras: aceitando a hipótese de que há aproximadamente 40.000 anos somos *homo sapiens sapiens*, apenas nas 5 décadas mais recentes acumulamos mais estruturas de conhecimento e intervenção no mundo do que em todos os 39.950 anos anteriores.

Para Marinoff (2015, p.21), a Filosofia e os filósofos, mostram-se um meio útil para examinar as crescentes questões que tais novidades sempre carregam:

A Filosofia está reconquistando a sua legitimidade como um meio útil de examinar o mundo à nossa volta enquanto o universo nos abastece de novos mistérios, a uma velocidade que torna impossível à teologia ou à ciência harmonizar os enigmas existentes. Bertrand Russell caracterizou a filosofia como “algo intermediário entre a teologia e a ciência... uma terra de ninguém, exposta ao ataque dos dois lados”. Mas a vantagem dessa avaliação pertinente da desvantagem é que a filosofia pode usar as forças dos dois lados sem ter de absorver os dogmas ou as fraquezas de nenhum dos dois[...]

Karnal (2019), lembra-nos da fama de inutilidade, para muitos, das áreas de humanas, mas lembra-nos também que curiosamente, contrariando o pensamento de muitos, ditadores, sejam de direita ou de esquerda, preocuparam-se justamente com essas áreas, reformulando-as ou retirando-as.

Segundo Cortella (2019), comenta a fama de inutilidade da Filosofia para muitos, porém, mostra que ela pode ajudar a pensar além do óbvio, pode ajudar todas as áreas, inclusive é a mãe de todas as áreas do saber. Desmistificando a ideia de que a Filosofia é somente abstrata e desconectada com a realidade, a mesma pode contribuir em assuntos práticos e concretos:

A palavra filosofia em si, pra muita gente parece alguém que passa o dia com a cabeça nas nuvens, ai nesse ponto de vista não é verdade[...]  
A filosofia não é delírio, a filosofia é a capacidade de pensar para além do óbvio[...]  
Filosofia, trabalha com a arte, com estética, trabalha com a ciência; aliás, hoje é uma mãe idosa de todas as ciências que

existem, meio no canto[...] A filosofia nasce da prática[...] Pode sim ser entendida como algo mais abstrata, mas não é toda ela que é assim.

De acordo com Kleinman (2014, p.7), abordando sobre a utilidade concreta da Filosofia no mundo em que vivemos, corrobora a ideia acima:

A filosofia abrange qualquer assunto em que for capaz de pensar. Não é apenas um bando de gregos velhos perguntando uns aos outros as mesmas questões (embora, claro, haja uma boa parte disso). A filosofia tem aplicações bem concretas; das questões éticas nas políticas governamentais às fórmulas lógicas utilizadas na programação de computadores, tudo tem suas raízes na filosofia. Com a filosofia, somos capazes de explorar conceitos como o significado da vida, conhecimento, moralidade, realidade, a existência de Deus, consciência, política, religião, economia, arte ou linguística – a filosofia não tem fronteiras!

Segundo Ferreira (s/d, p. 57), corroborando com a ideia da Filosofia estar presente nas questões concretas e objetivas do mundo:

[...]Se engana aquele que pensa que a filosofia não pertence ao mundo, não se relaciona com o cotidiano. Ao contrário, a filosofia nasce no mundo e a partir do mundo. São sujeitos históricos determinados, enfrentando demandas específicas historicamente efetivas, que fazem filosofia. O discurso filosófico simplesmente não faria sentido, a empreitada da pesquisa filosófica seria completamente vã, se não se relacionasse, no limite, com os problemas reais, de homens vivendo em um momento singular da história.

Reina (2016, p.5), aborda sobre a importância em questionar para a Filosofia, mas também em encontrar respostas concretas para esses questionamentos:

Nessa busca por respostas, logo será possível perceber que indagar é mais importante que responder de maneira taxativa, mas cada um perceberá também que é preciso ficar atento, pois não basta só perguntar, problematizar, é necessário encontrar respostas consistentes em relação aos problemas levantados. É isso que os filósofos normalmente fazem em suas reflexões e sistematizações conceituais[...]

Retornando às ideias de Ferreira (s/d, p. 56), citando as palavras de Bertrand Russell em Os Problemas da Filosofia:

Filosofia, se não é capaz de responder a tantas questões quantas gostaríamos, tem ao menos a capacidade de formular perguntas que aumentam o interesse do mundo, e mostram a estranheza e a maravilha contidas logo abaixo da superfície mesmo nas coisas mais triviais do cotidiano.

Para Cortella (2019), referindo-se a fama de inutilidade da Filosofia no Brasil, mas mostra que a mesma possui sua utilidade e aborda o conceito que os outros países possuem de filósofo e o conceito que o Brasil possuía antes e que agora pode começar a mudar:

Você sabe que durante séculos a ideia de Filosofia[...] parecia com facilidade, em outros países do mundo, a palavra Filósofo não tem um impacto tão negativo como entre nós. Para nós, Filosofia parece sinônimo de coisa inútil, por exemplo, tem gente que fala: Isso aí é filosofia ou isso aí é coisa de Filósofo! Querendo dizer “isso não serve pra nada”. Agora, hoje, cada vez mais a Filosofia nos ajuda a [...] não ser alienado. Ela não é a única que ajuda a fazer isso, mas a Filosofia ajuda e muito a fazer, porque ela faz[...] algo decisivo na vida que ao final de cada afirmação tentar colocar um ponto de interrogação[...] A Filosofia ajuda a suspeitar, não a suspeitar para destruir, mas pra ver se aquilo se sustenta, se aquele tipo de afirmação e ideia, ela tem base. Por isso a Filosofia nos ajuda a pensar melhor[...] ela ajuda a viver melhor.

O Brasil, ao contrário do pensamento de muitos, possui uma história significativa com a Filosofia, inclusive na parte editorial. Segundo Gontijo (2017, p. 12):

Podemos afirmar, com alguma segurança, que tivemos dois grandes processos editoriais no Brasil nos últimos 100 anos e que propiciaram uma difusão significativa da Filosofia: a coleção Os Pensadores, na década de 70 do século passado; e agora iniciado em 2012, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de Filosofia para o Ensino Médio. Com o primeiro, a editora Abril teria se tornado a maior editora de livros de Filosofia do mundo; só o exemplar sobre Platão vendeu 250 mil exemplares, de acordo com o jornalista Elio Gaspari. O sucesso das diferentes edições da coleção Os Pensadores foi um fenômeno editorial que ainda carece de maior análise em nossa história brasileira.

Conforme Cortella (2019), comentando sobre a área de Filosofia: “O Brasil sempre teve grandes pessoas nesta área[...]”. No Brasil, atualmente, não é raro ligarmos a televisão e aparecer uma pessoa formada em Filosofia discorrendo sobre uma temática relevante específica, discordando ou concordando com suas reflexões, é fato que os professores deste campo do saber estão presentes em vários veículos midiáticos na atualidade brasileira.

Pondé (2019), explica o surgimento da Filosofia Pública, ou seja, dos filósofos pops:

O que aconteceu é que nos últimos anos as mídias sociais, elas acabaram produzindo uma acessibilidade gigantesca a conteúdos que não estavam nela, seja conteúdos escritos na mídia impressa, seja

conteúdos na televisão, no rádio, que depois migram para as mídias sociais, além dos que são produzidos para elas, para as próprias mídias sociais[...] E ali aumentou a caixa de ressonância e produziu o fenômeno do filósofo pop dos quais eu faço parte do grupo, dos três mosqueteiros, que na verdade são quatro, né?! Clóvis, o Cortella, Karnal e eu.

Segundo Marinoff (2015, p.23): “A filosofia está se popularizando de novo, tornando-se compreensível e aplicável para as pessoas comuns[...] Nós[...] as retiramos das bolorentas estantes das bibliotecas, as espanamos e as colocamos nas mãos de vocês. Pode-se aprender e usá-las”.

Portanto, é notório um interesse, por parte de muitos brasileiros, de um pensar mais profundo e rigoroso sobre vários aspectos de nossas vidas na contemporaneidade, visto que na atualidade por conta das inúmeras novidades surgindo, o ritmo de questões e incertezas cresce de forma intensa.

Esse mundo contemporâneo cheio de novidades e questões complexas em torno de nossa existência surgindo a cada dia, exigindo assim um pensar mais profundo, com alguns Filósofos do Brasil sendo requisitados e até reconhecidos (ganhando respeito e fama) por uma quantidade significativa de brasileiros... Mas e a disciplina de Filosofia no Ensino Básico, também está com toda essa “moral” na atualidade no Brasil?

## **2. O Ensino da Filosofia no Brasil e a Reforma do Ensino Médio brasileira**

Segundo Cortella (2013, p.9), “ensinar vem do latim ensinar, vem de signo, de sinal, de deixar uma marca. Ensinar é o que grava em algo ou alguém.” De acordo com Melo (2012, p. 29-30), utilizando as ideias de Durkheim sobre uma educação transmissora de conteúdos com poder sobre as condutas e pensamentos do ser humano: “A educação é um mecanismo transmissor da cultura [...] A educação era a saída para a crise social pela qual passava a sociedade.”

Uma questão que nos surge: Qual a utilidade de ensinar filosofia na educação formal brasileira?

Segundo a LDB (1996, p.8), encontradas no TÍTULO II – Dos Princípios e Fins da Educação Nacional, artigo segundo: “A educação[...] Tem por finalidade

o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Conforme Ferreira (s/d, p. 52), “Nada mais justo que esperar que a Filosofia possa auxiliar na formação moral, cívica, humana dos nossos jovens.” De acordo com Gontijo (2017, p.15), “a Filosofia[...] modifica valores, desloca e transforma o pensamento”.

A Filosofia está presente no ensino superior através do curso de Filosofia, obviamente, mas também está presente como disciplina em diversos cursos, como Medicina e Direito. Reina (2017, p. 55), relembra a importância do ensino da Filosofia para os outros cursos de nível superior: “É comum em muitas faculdades a adoção da disciplina de Filosofia entre cursos de graduação de diferentes tipos[...] A Filosofia problematiza a realidade, a vida. [...] é ela a disciplina por excelência, sendo assim todos os seus conteúdos interdisciplinares”.

Karnal (2019), Corroborar a ideia supracitada e ainda frisa: “todas as áreas precisam de Filosofia.” Ela possibilita ser utilizada em vários níveis de ensino. Conforme Zanini (2013, p.31), utilizando a teoria de Matthew Lipman, mostra a possibilidade, e os benefícios, do uso da disciplina de Filosofia também para estudantes ainda na infância: “Pretende ajudar as crianças a pensarem por si mesmas”. Pondé (2019), também acha que a Filosofia deveria ser introduzida já na infância, pois as crianças são naturalmente inclinadas para questões filosóficas. Ainda segundo Pondé (2019), citando Platão: “Todo mundo nasce filósofo, porque todo mundo nasce espantado com as coisas, só que a partir de uma certa idade a gente perde o espanto porque a gente se ocupa com coisas menos importantes.”

A história do ensino de Filosofia no Brasil é conturbada. De acordo com Cesar (2012), a disciplina de Filosofia entrou e saiu do currículo inúmeras vezes. A história desta disciplina em terras brasileiras inicia-se ainda no período colonial, onde somente poucos tinham acesso a esse saber. Após a ruptura com Portugal, nas províncias, a Filosofia era incluída de forma obrigatória no currículo dos cursos secundários. Em 1888, com as ideias positivistas e evolucionistas, a filosofia é excluída. Em 1932 é introduzida o ensino da história da Filosofia, mas aos poucos a disciplina foi sendo reduzida até ser extinta como disciplina

obrigatória. Em 1961, a Filosofia foi colocada como disciplina complementar, apenas para o segundo ciclo e posteriormente tornou-se somente disciplina optativa. Em 1964 é excluída totalmente do currículo. Muitas pessoas – dentre eles educadores e filósofos – solicitando o retorno do ensino da filosofia no ensino secundário, fizeram manifestações. Veio uma resposta, porém, tímida. Pois em 1996 é lançado o artigo número 36 na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, onde é reconhecida a importância do conhecimento filosófico, mas a mesma não é incluída como disciplina isolada.

O Ministério da Educação (2006, p.1), relembra este artigo:

[..]Artigo 36[...]: “§ 1º . Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizadas de tal forma que ao final do Ensino Médio o educando demonstre: III – domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania.”

Retomando às ideias de Cesar (2012), em 2001 um projeto de lei que incluiria a Filosofia como obrigatória é vetado. A Filosofia já se encontrava presente em alguns estados brasileiros de forma oficial, que contribuiu para finalmente uma lei em 2008 modificar o artigo número trinta e seis (36) da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, incluindo a disciplina de filosofia como obrigatória nos três anos do ensino médio.

Segundo a Presidência da República (2008), no texto onde estabelece a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias:

LEI Nº 11.684, DE 2 DE JUNHO DE 2008.[...] O art. 36 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações: “Art. 36.[...] IV – serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio.

Cesar (2012, p.8), mostra-nos que tais disciplinas possuem estatutos próprios e salienta as vantagens que estas áreas podem proporcionar aos jovens:

A inclusão da Filosofia e da Sociologia no currículo do ensino médio se faz necessária para a consolidação dos objetivos e finalidades da educação básica determinadas por lei. [...] Não podemos perder de vista que estas disciplinas possuem estatutos próprios e, deste modo, são análogas a qualquer outra disciplina[...] Segundo os autores, a presença da Filosofia e da Sociologia pode contribuir para a “ressignificação da experiência do aluno, tanto de seu posicionamento e intervenção no meio social, enquanto futuro construtor do processo histórico, como de leitura e constituição de um olhar mais consistente sobre a realidade.” [...] Não podemos perder de vista que estamos



lidando com um tipo de saber que possui mais de vinte e cinco séculos de história que não pode ser ignorada.

Conforme o Ministério da Educação (2006, p. 2-3), no texto que tornou a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias no Ensino Médio:

[...]Reitera-se a importância e o valor da Filosofia e da Sociologia para um processo educacional consistente e de qualidade na formação humanística de jovens que se deseja sejam cidadãos éticos, críticos, sujeitos e protagonistas. Essa relevância é reconhecida não só pela argumentação dos proponentes, como por pesquisadores e educadores em geral, inclusive não filósofos ou não sociólogos.

Ainda segundo o Ministério da Educação (2006, p. 3), e ainda de acordo com o texto anterior: “Não é demais destacar que, na ótica da LDB, os conhecimentos de Filosofia e Sociologia são justificados como `necessários ao exercício da cidadania”.

Porém, 2016 trouxe novamente um cenário conturbado para a disciplina. Segundo Gontijo (2017, p.15):

[...] Novas ameaças rondam o ensino da Filosofia, sobretudo na Educação Básica. Essas ameaças, uma vez confirmadas, podem repercutir nos demais níveis onde avanços foram alcançados. Sem a Filosofia no Ensino Médio ou com uma presença inexpressiva, abre-se espaço para questionamentos[...] A reforma do Ensino Médio, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em fevereiro deste ano, revela um campo ainda obscuro[...]

Reina (2017, p.57), chama-nos à atenção para uma problemática real, o futuro incerto da Filosofia, desde 2016, através da Medida Provisória (MP) 746 e ainda salienta que foi um retrocesso para essa área do saber:

[...]Com a própria mudança da legislação de acordo com a MP746/2016, que trouxe de certa forma um futuro incerto para a Filosofia[...] Ainda é incerto o posicionamento da Filosofia no currículo[...] Foi um retrocesso[...] Uma vez que a Lei nº 11.684 de 2 de junho de 2008 instituía a Filosofia como disciplina obrigatória em todas as séries do Ensino Médio, inclusive o ensino Médio integrado Profissional.

Obviamente sabemos que a disciplina de Filosofia, como todas as outras disciplinas, possui desafios na área educacional. Ainda conforme Reina (2016, p.110-112), adentrando sobre a problemática do ensino de filosofia:

[...]Se a filosofia configura-se como um conhecimento crítico por meio das inúmeras teorias dentro da história do pensamento filosófico, dentro do campo educacional encontramos uma preocupação: como deve ser o seu ensino? [...] Segundo Kant[...] o ideal de todo processo

educativo: a retirada do homem de sua menoridade rumo à maioridade, ou seja, ao esclarecimento. A educação deve promover, em grande medida, a autonomia do pensar humano, retirando-a da sua ignorância e concedendo-o a independência moral, intelectual e cultural. [...] Ao educador cabe promover uma educação que tenha como meta o alcance dessa finalidade. [...] Dentro do cenário educacional brasileiro, esta ideia levantada por Kant[...] que a finalidade da educação é fazer com que o educando seja capaz de pensar por si mesmo (esclarecimento), não é algo levado em consideração pelas escolas, muito menos pelo ministério público[...]

Gontijo (2017, p. 10), salienta um dado importante e preocupante referente aos docentes do ensino médio em relação às suas formações e as disciplinas que atuam, inclusive Filosofia:

De acordo com dados do Movimento Todos Pela Educação, dos pouco mais de 45 mil professores e professoras atuando no Ensino Médio no Brasil, 93,9% possuem formação de nível superior; 74,7% possuem licenciatura; e apenas 21,2% possuem licenciatura em Filosofia. É um realidade preocupante quanto à formação dos que estão lecionando Filosofia nas escolas[...] A pesquisa aponta ainda que a média nacional de professores e professoras que possuem licenciatura especificamente na área em que lecionam é de apenas 48,3%.

Ainda segundo Gontijo (2017, p. 13), aponta outra problemática com esta disciplina: “A presença massiva de livro didático de Filosofia, combinado com a falta de formação específica de docentes de Filosofia, pode resultar no uso inadequado de um material[...]” Conforme Ferreira (s/d, p. 53), citando as Orientação Curriculares Para o Ensino Médio (OCEM), frisa as vantagens da Filosofia como disciplina no campo educacional e salienta os inúmeros desafios que esta área enfrenta:

O tratamento da Filosofia como um componente curricular do ensino médio, ao mesmo tempo em que vem ao encontro da cidadania, apresenta-se, porém, como um desafio, pois a satisfação dessa necessidade e a oferta de um ensino de qualidade só são possíveis se forem estabelecidas condições adequadas para sua presença como disciplina, implicando a garantia de recursos materiais e humanos. Ademais, pensar a disciplina Filosofia no ensino médio exige também uma discussão sobre os cursos de graduação em Filosofia, que preparam os futuros profissionais, e da pesquisa filosófica em geral, uma vez que, especialmente nessa disciplina, não se pode dissociá-la do ensino, da produção filosófica e da transmissão do conhecimento. Considerando a reflexão acerca da Filosofia no ensino médio, cabe mencionar uma dificuldade peculiar: trata-se da reimplantação de uma disciplina por muito tempo ausente na maioria das instituições de ensino, motivo pelo qual ela não se encontra consolidada como componente curricular dessa última etapa da educação básica quer em materiais adequados, quer em procedimentos pedagógicos, quer por um histórico geral e suficientemente aceito.

Horn (2019), fala sobre o lugar da Filosofia neste mundo contemporâneo mais imediatista e consumista. O mesmo relata que a disciplina de Filosofia “anda na contra mão” dessa tendência atual, sendo assim, mais uma das dificuldades, desta disciplina em específico, a serem enfrentadas.

Dessa forma, vemos que, assim como todas as outras disciplinas, a Filosofia possui desafios a serem superados para um aprendizado mais efetivo dos discentes. Porém, o esforço para superar tais dificuldades (importante frisar mais uma vez, dificuldades essas vistas em todas as disciplinas) se justifica pelos inúmeros benefícios já supracitados.

Yousafzai, diz-nos (2013, p. 16 e 170): “Comecei a entender que a caneta e as palavras podem ser muito mais poderosas do que metralhadoras, tanques ou helicópteros[...] Quando alguém lhe tira as canetas, você se dá conta de como a educação é importante.” Ainda conforme Yousajzai (2013, p. 324): “São as nossas armas mais poderosas. Uma criança, um professor, um livro e uma caneta podem mudar o mundo.”

Se há um consenso no Brasil, é esse: O sistema educacional brasileiro necessita de melhorias.

Cruz (2019), aponta o nível da educação brasileira até o quinto ano, “o Brasil melhorou mais que todos os países da OCDE (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico).” Porém, o mesmo não ocorre no ensino médio, onde o ensino piora consideravelmente, por uma série de questões, sendo assim a grande preocupação dos especialistas em educação. Cruz (2019), ainda destaca que até os anos 80, mais especificamente até 1988, com a constituição, a educação era para poucas pessoas. Após a constituição de 1988, houve um grande aumento de alunos matriculados. Porém, a quantidade não acompanhou a qualidade. A mesma fala sobre a desvalorização do professor, profissional essencial para uma educação de qualidade.

Rubem Alves (2018), também corrobora a ideia de que o professor é crucial para a transformação da educação: “[...] Professor é o ponto central de qualquer programa de transformação do ensino brasileiro.” Cruz (2019), também frisa a importância do Brasil em investir na primeira infância, especialmente nos três primeiros anos de vida da pessoa: “Por conta das conexões neurais, o desenvolvimento cognitivo, físico, emocional e social se forma nos três primeiros

anos.” Deve-se dar mais atenção também entre as crianças mais carentes nesta faixa etária. Pois, a escola corresponde a 50% da educação de uma criança, sendo a outra metade em casa. Uma criança que não possui condições necessárias em sua casa, precisará de mais atenção por parte do poder público na questão educacional. Cruz (2019) ainda salienta a importância das políticas públicas para possibilitar a igualdade de oportunidade a todos, pois no Brasil há uma grande desigualdade social que gera uma desigualdade de oportunidades em vários setores da vida. Aponta também uma má gestão na educação básica, pois segundo a especialista, este setor já possui recursos financeiros suficientes, mas é preciso saber onde investir e como investir. A mesma aponta exemplos de investimentos necessários, como a primeira infância, infraestrutura e os professores. Em relação aos professores, salienta que é preciso aumentar sim os salários dos docentes, pois os mesmos ganham menos que um profissional com a mesma formação acadêmica, mas que atua em uma área fora da educação.

De acordo com Cruz (2019), porém, salienta que o salário está somente em terceiro lugar das maiores reclamações dos docentes, conforme várias pesquisas, sendo em segundo lugar uma formação continuada efetiva e em primeiro lugar está a condições de trabalho. A mesma ainda afirma que é importante para o Brasil uma educação de qualidade para todos os brasileiros, mas que o Brasil ainda não possui essa consciência de forma madura sobre a importância da educação, pois os erros com a educação nunca são perceptíveis para a nação em curto prazo. Cruz (2019), frisa também que “não tem nenhum país que cresce e que tem uma qualidade de vida para os seus cidadãos que não tenha educação de qualidade”. Destaca também que é possível ter um bom sistema educacional brasileiro. Fala também sobre o Escola sem Partido, afirmando que o Brasil possui problemas muito mais prioritários na educação, porém, frisa que a melhor forma de se resolver possíveis eventos de doutrinação com os discentes por parte dos docentes é através de uma melhoria na formação dos professores, mas nunca com perseguições aos mesmos, fazendo que esta categoria vire inimiga da nação e assim agravando ainda mais os vários problemas já existentes na educação. Ainda de acordo com Cruz (2019), falando sobre a importância de investir nas pessoas através da educação e assim investir

no futuro do Brasil. E frisa que para isso acontecer a sociedade brasileira também pode e deve colaborar, pois sem o apoio massivo da população a educação dificilmente será prioridade no Brasil:

Pro Brasil dá certo a gente precisa investir nas pessoas, não tem outra forma pro Brasil fazer o seu desenvolvimento social, econômico, ou reduzir violência, ter mais saúde, distribuição de renda, crescer, e pra isso a gente vai ter que investir direito com qualidade em educação. Brasil nunca fez isso, educação nunca foi parte central do nosso projeto de nação, enquanto a gente não colocar a educação, de verdade como a grande prioridade do país, dificilmente a gente vai conseguir superar todas as crises sobrepostas cíclicas que o Brasil vem vivendo, tem nenhum país que avançou na educação que não tenha tido uma participação forte dessa sociedade, então tá na hora, a gente precisa realmente participar, fazer valer nosso grito, fazer valer essa nossa grande demanda por educação de qualidade. Do jeito que tá, com 55% de crianças analfabetas, é assim que a gente vai querer deixar nosso país? O 7% apenas dos jovens com aprendizado mínimo adequado em matemática? É esse nosso legado pra essa nossa geração ou para as próximas? Eu acho que a gente precisa resolver de uma vez por todas. O Brasil já cometeu esse erro no passado de não priorizar a educação. Vamos acabar com isso, vamos fazer com que a educação seja de fato a grande prioridade do país.

Segundo o Ministério da Educação (2019), utilizando-se dos dados da pesquisa IBOPE – 2016: “72% dos brasileiros são a favor de mudanças no ensino médio”, “85% são a favor da ampliação do número de escolas com tempo integral” e “70% são a favor de que os estudantes escolham as matérias em que irão se aprofundar e possam optar pela formação técnica no ensino médio”.

De acordo ainda com o Ministério da Educação (2019): “É para responder as leis atuais discutidas e aprovadas pela sociedade em diferentes momentos e a vontade da maior parte dos estudantes que surge o Novo Ensino Médio.” Apesar de intensas propagandas no rádio, na televisão e na internet com a intenção de convencer as pessoas que esta reforma é o correto a se fazer no momento para a Educação brasileira; a mesma enfrenta várias críticas por parte de grandes especialistas em Educação.

Horn (2019), mostra que a origem da Medida Provisória (MP) que alterou o Ensino Médio, já vem de uma discussão anterior, que é o PL (Projeto de Lei) 6840/2013. Segundo Horn (2019), “a MP é uma espécie de síntese piorada do próprio PL”. De acordo com Junior (2019), corroborando o argumento anterior: “Concebida e aprovada de forma apressada, a [Reforma do Ensino Médio](#) transformada na Lei 13.415 de fevereiro de 2017 já nasceu doente.” Ainda

segundo Junior (2019), agora mostra-nos a possibilidade da reforma aprofundar desigualdades, em vários campos; também explicita-nos incoerências de algumas propostas da reforma e ainda alerta-nos: A reforma irá “permitir novos formatos a mais baixo custo reduzindo a responsabilidade dos governos estaduais sobre o Ensino Médio.”

Retornando às ideias do Ministério da Educação (2019), agora explicando o que é o Novo Ensino Médio:

A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. A mudança tem como objetivos garantir a oferta de educação de qualidade à todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade.

Gontijo (2017, p. 15), complementando a explicação sobre o Novo Ensino Médio:

O Ensino Médio terá duas etapas: a primeira, comum a todas as escolas com currículo definido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC); e outras, de formação, no que é denominada como “itinerários formativos”, em diferentes arranjos curriculares. Serão cinco itinerários: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; e formação Técnica e profissional.

Ministério da Educação (2019), explica se o Novo Ensino Médio exclui disciplinas dos currículos:

Não. Pelo contrário, a proposta atual da BNCC, em discussão no Conselho Nacional de Educação (CNE), mobiliza conhecimentos de todos os componentes curriculares em suas competências e habilidades e, portanto, torna seu desenvolvimento obrigatório. Os currículos de referência das redes e os Projetos Pedagógicos das escolas que irão definir a organização e a forma de ensino dos conteúdos e conhecimentos de cada um desses componentes, considerando as particularidades e características de cada região.

Ainda segundo o Ministério da Educação (2019), explicando agora como ficará a oferta da disciplina de Filosofia, entre outras áreas:

A LDB inclui, no ensino médio, obrigatoriamente, estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia (Art. 35-A, § 2º). Já o ensino de língua portuguesa e matemática será obrigatório nos três anos do ensino médio, assegurada às comunidades indígenas, também, a utilização das respectivas línguas maternas (LDB, Art. 35-A, §3º), independente da(s) área(s) de aprofundamento que o estudante escolher em seu itinerário formativo.

Dessa forma, vimos que somente as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática são obrigatórias nos três anos do Ensino Médio. A Língua Inglesa também aparece como disciplina obrigatória em todo o Ensino Médio. Dessa forma, a Filosofia está fora dessa lista, subentendida pelo Ministério da Educação, como uma disciplina menos importante o seu aprendizado do que as Línguas Portuguesa e Inglesa e a disciplina de Matemática.

Segundo Lidberg (2018), comenta sobre o retrocesso para essa disciplina:

Menos de 10 anos depois do seu retorno obrigatório ao ensino médio, o ensino da Filosofia volta a exercer um papel coadjuvante no currículo, visto que ela retorna ao patamar estabelecido pela LDB aprovada em 1996, que afirmava que o estudantes precisavam ter domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.

Há pessoas favoráveis a essa estrutura de ensino supracitada, utilizando-se de uma pesquisa como base para seu argumento. Tendo, dessa forma, pensamentos contrários da inclusão da disciplina de Filosofia como obrigatória nos três anos do Ensino Médio.

Conforme Niquito e Sachsida (2018), representando o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), a inserção das disciplinas de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio diminuiriam consideravelmente o desempenho dos estudantes na área de Matemática. Para Fonseca (2018), a Filosofia não deveria ser obrigatória, pelo menos no momento onde a base, o essencial, não está sendo garantido, o ensino da Língua Portuguesa e da Matemática. Fonseca (2018), utilizando-se do estudo do IPEA, diz que a presença das disciplinas de Filosofia e Sociologia não são em si negativas, mas que com a presença de ambas como obrigatórias, diminuiria o tempo de disciplinas mais essenciais, como a Matemática e a Língua Portuguesa, e assim diminuiria a aprendizagem dessas áreas.

Obviamente há uma relevância prática e científica no saber das três disciplinas contempladas como obrigatórias em todos os anos, mas como já explicitado neste texto anteriormente, a disciplina de Filosofia possibilita inúmeros benefícios práticos e diretos na vida das pessoas. Este momento da história da humanidade de descobertas diárias, produzindo incertezas e inseguranças, o ensino da Filosofia de forma mais intensa é uma possível solução para várias problemáticas do nosso período contemporâneo. Se o adequado domínio da Língua Portuguesa nos ajuda a ler textos filosóficos, também o adequado conhecimento do conteúdo filosófico contribui para um entendimento mais profundo e amplo daquele texto na aula de Português, sem esquecer que sem Filosofia não teríamos o ensino das várias Línguas, como se tem hoje. Se o adequado domínio da Matemática nos ajuda a construirmos prédios e dar o troco, o adequado conhecimento do conteúdo filosófico contribui para construirmos autoconhecimento e não dar “o troco”. A Filosofia contribui para acharmos o sentido de nossa existência ou pelo menos pensar de forma mais sistemática sobre o sentido de nossa existência, sem esquecer que sem Filosofia não teríamos o ensino da Matemática, como se tem hoje.

Segundo Cortella (2019), falando sobre a relação direta da Filosofia com as outras ciências, inclusive matemática:

A filosofia nasceu como Biologia, como Física, nasceu como Matemática; aliás a escola de Platão tinha um lema na porta, que era: Não entra aqui quem não souber matemática. Quem criou a palavra filosofia foi um pensador chamado Pitágoras, que vários de nós aqui estudamos um dia, por isso a filosofia na origem, ela era o debruçar-se sobre o conhecimento, assim que ela foi tendo alguma precisão, perdeu o nome de filosofia. E aí aquela área que ficou mais precisa virou Física, Química, Biologia[...]

Ainda utilizando as ideias de Cortella (2013, p.122-124), se há a narrativa de que as pessoas precisam de saberes práticos e científicos como a Matemática e a Língua Portuguesa, a ciência por sua vez necessita da Filosofia para se manter bem estruturada:

A ciência se renova quando seus praticantes são capazes de colocar sob suspeita algumas das certezas às quais nos expomos. Será que isto é assim mesmo? Será que não há outro modo de fazer? Será que isto não resulta mais de hábito do que de verdades? Será que aceito o argumento pela autoridade que o proclama, em vez de buscar os fundamentos da veracidade do proclamado? Será? Os “serás”, quando metódicos e sistemáticos, ajudam-nos a dar vigor às certezas e



conhecimentos que nossas teorias e práticas devem ter; em todas as situações nas quais não admitimos a presença de indagações e questionamentos, aproximamo-nos do dogmatismo, e este sempre foi o principal veículo de degradação do saber científico[...] “Só sei que nada sei”, permanece demonstrando sabedoria. É evidente que Sócrates não está afirmando que nada sabia por completo, exceto o conhecimento que tinha sobre as suas próprias ignorâncias.

Segundo Pondé (2019), corrobora a visão de que a ciência não vai superar a Filosofia, ou seja, é preciso conhecer a Filosofia, é preciso se espantar:

A Ciência vai acabar com a Filosofia? Não, não. Você sabe que na verdade o título PhD em inglês que é a tradução, a gente traduz como “doutor” em português, a grosso modo, PhD, em inglês, PhD, em português, significa Philosophiae Doctor, quer dizer, é alguém que sabe tanto uma coisa que é capaz de filosofar em cima dela. Então, não, pelo contrário, a ciência cria questões que são profundamente filosóficas e não entenda filosofia como uma coisa assim que é você repetir o que Kant disse, o que Nietzsche falou ou o que Descartes falou, não. Filosofia é a capacidade que se tem de conceitualmente se perceber aquilo que espanta no mundo. O velho Platão nos ensinou, filosofia é a capacidade de espantar com o mundo, como não se espantar com um mundo que em breve vai ser liderado por algoritmos? [...] Como não se espantar com um mundo em que marcha para uma interação entre inteligência artificial e inteligência humana? Como não se espantar com um mundo em que logo, logo, a gente vai poder gerar crianças que são um híbrido entre matéria inorgânica e a matéria orgânica? Como não se espantar com um mundo que vai produzir inteligências capazes de um dia elas mesmas produzirem inteligências ainda muito mais inteligentes do que elas e essas primeiras não são nós, já são as que nós criamos. Como não se espantar com um mundo em que a gente vai se viciando nas nossas invenções e hoje ninguém consegue nem imaginar o que significa viajar sem Waze.[...] Então, é claro que a ciência não vai acabar com a filosofia. [...] Ciência e filosofia são parceiras[...] Os avanços científicos nos colocam continuamente diante de debates filosóficos e éticos super importantes, quando a gente for capaz de viver duzentos anos, trezentos anos, como não se espantar com o fato de que ou a gente vai produzir lazer num nível em que as pessoas terão trezentos anos de idade, mas serão uns retardados mentais ou elas terão trezentos anos de idade e serão profundamente melancólicos? Como não se importar e não se espantar com isso?

Obviamente o conhecimento de saberes relacionados à Matemática e à Língua Portuguesa são importantes, pois são necessários tais saberes para realizar atividades em nosso dia-a-dia. Porém, para realizar tais atividades, o ser humano necessita de um sentido, de um senso crítico, de algo que contribua para um pensamento mais sistemático e criterioso sobre si mesmo e sobre o mundo que está fora dele, o ser humano é um animal pensante, como nos preconizou Aristóteles. Conforme já explicitado neste texto, a Filosofia é uma possibilidade para tais necessidades igualmente essenciais para a humanidade.

Segundo Cortella (2013, p.97-100), salientando a tendência do sistema educacional brasileiro, um sistema a serviço de um mundo tecnicista, priorizando formar “robôs” habilidosos e subservientes, deixando de formar humanos críticos e independentes:

[...]O que é entendido como urgente por muitas famílias e oferecido levemente por muitas escolas? Preparar o jovem para a vida de hoje! Dito em alto e bom som: tornar o jovem apto para sobreviver neste nosso mundo “fatalmente” competitivo! Isto é, prepará-lo para aceitar, assimilar e sustentar um modo de vida conjunta autofágica, narcisista e excludente; deixa-lo sucumbir às idolatrias do mercado, admirar a sociedade agudamente concorrente, participar da disputa insana pelo exclusivo e fugaz sucesso individual. Para isso, entendem os números, é necessário soterrar o jovem com informações a serem decoradas, tarefas automáticas e contínuas, treinamento domesticante para o vestibular, cargas de exercícios que envolvam habilidades e competências direcionadas unicamente para o mundo do trabalho[...] Desse modo, qual o critério primeiro e mais adequado para a escolha de uma educação escolar, pública ou privada, que não seja exterminadora dos amanhãs conjuntos? Ter como princípio (ponto de partida) e meta (ponto de chegada) o empenho consistente em favorecer a criação de uma sólida base científica, incentivar a formação de cidadania objetiva, propiciar a consolidação de uma consciência crítica e independente, e, como garantia honesta de futuro, animar o fortalecimento da solidariedade. Fácil? Jamais. Impossível? Nunca.

Conforme Júnior (2010), salienta a importância de uma educação voltada em formar indivíduos reflexivos e autônomos, preocupados em buscar o sentido de sua vida, seja pessoal ou profissional, superando o tecnicismo e o dogmatismo.

De acordo com Cruz (2019), fala da importância de uma boa educação para formar bons cidadãos para a nossa democracia, cidadãos com pensamento críticos capazes de enfrentarem as inúmeras adversidades da vida:

A gente precisa cada vez mais entender que o futuro do Brasil, o futuro de cada uma das crianças e jovens depende da educação que elas estão recebendo agora. Todas as crianças e jovens que estão na escola hoje, eles vão viver um mundo com uma série de desafios. O que que vai nos diferenciar das máquinas, dessa tecnologia que é galopante? Os nossos elementos mais humanos, uma criança preparada pra ter pensamento crítico, pra aprender continuamente, a saber se relacionar, conviver com os outros, a saber escutar, a saber viver a democracia. Vai ser com essa ideia, muito poderosa que a gente vai conseguir fazer a grande virada do país.

Lembrando que o retorno do ensino da Filosofia como obrigatória não deve ser encarado como um discurso de esquerdistas, nem como um discurso de simpatizantes com a direita, mas sim como uma possibilidade de melhorar

nossa democracia, para todos. Sim, pois foi em Atenas, no período da Grécia Antiga, onde foi a base da sua criação. Como nos lembra Cortella (2013, p. 123), “a democracia, essa invenção grega do século 5 a.c.”. A história da democracia e a história da Filosofia se misturam, precisam uma da outra para um maior entendimento e melhoramento. O ensino de Filosofia não deve ser encarada como inimiga da democracia ou como instrumento de ideologização, de alienação. Reina (2017, p.53), reforça a capacidade da disciplina em expandir a visão de mundo, não de limitá-la. E ainda finaliza lembrando a postura correta de um professor de Filosofia frente seus alunos, desmistificando a ideia de que todos os professores da área pregam um único pensamento autoritário ou um ensino sem comprometimento com a seriedade e organização:

[..]Um bom método para o ensino da Filosofia deve ter em mente a formação de sujeitos pensantes. Sujeitos autônomos e críticos, capazes não somente de pensar, mas de ter condições de intervir na sua realidade. Porém, com autoritarismo não se constrói autonomia, da mesma forma que na total libertinagem não se adquire respeito.

Como já explicitado, obviamente o ensino da Filosofia necessita de revisões, como todas as outras disciplinas. Segundo Karnal (2019), discorrendo sobre uma das frases mais conhecidas da Filosofia, o “conhece a ti mesmo” do filósofo grego Sócrates. O mesmo também comunica, indiretamente, os benefícios do ensino da Filosofia quando aborda a relevância de entender esta ideia filosófica:

[...]Encaminhando uma reflexão que pode não parecer, mas é uma das coisas mais difíceis deste planeta, é a ideia socrática “conhece a ti mesmo”. A maior parte das pessoas não tem a menor ideia de quem seja, tem de si uma ideia completamente acima ou abaixo de quem são[...] “Conhece a ti mesmo”, saiba quem você é e seu limite, essa é uma chave profissional e pessoal.

Antunes (2019), mostra a carta dirigida a professores encontrada em concentração nazista após a segunda guerra mundial:

(Terminada a última guerra mundial foi encontrada, num campo de concentração nazista, a seguinte mensagem dirigida aos professores): "Prezado Professor, Sou sobrevivente de um campo de concentração. Meus olhos viram o que nenhum homem deveria ver. Câmaras de gás construídas por engenheiros formados. Crianças envenenadas por médicos diplomados. Recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas. Mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e universidades. Assim, tenho minhas suspeitas sobre a Educação. Meu pedido é: ajude seus alunos a tornarem-se humanos.

Seus esforços nunca deverão produzir monstros treinados ou psicopatas hábeis. Ler, escrever e aritmética só são importantes para fazer nossas crianças mais humanas."

Há uma série que ilustra de forma interessante os desafios e os benefícios do ensino da Filosofia para os jovens, trata-se da série Merlí. Como nos mostra Cortella (2019), esta série é alvo de algumas críticas, por conta de algumas atitudes questionáveis do professor de Filosofia, Merlí Bergeron, em sua vida pessoal. Mas ao mesmo tempo, mostra-nos, na série, algumas das vantagens que a disciplina de Filosofia pode trazer para os jovens em sala de aula e na vida.

### **3. Merlí, a série**

Emissora da Citalunha TV 3 e disponível na plataforma Netflix.

É possível afirmar que a tecnologia disponível possibilitou avanços ao homem contemporâneo nas mais diversas áreas de sua vida. Desta forma, nas artes e mais especificamente no campo do entretenimento não foi diferente, vez que, o acesso a séries e seriados que se dava basicamente pelo formato televisivo de sinal aberto até meados dos anos 90, ganha em opções com o advento da televisão por assinatura, até chegar mais recentemente a uma nova fase através da internet aos serviços de *streaming* por assinatura que podem ser acessados até mesmo por tablets e celular

Esta plataforma via internet vem trazendo profundas modificações, inclusive comportamentais, na relação com seus assinantes, dado a exposição e a variedade de séries e temas disponíveis.

Toda essa programação acaba por transforma-lo num agente ativo e autônomo diante daquilo que está a sua disposição, relação diferente que havia no tempo da televisão, com sinal aberto ou fechado, quando o espectador mantinha uma relação passiva em relação à programação disponível.

Dentro dessa nova perspectiva, os serviços de *streaming* disponibilizam a seus assinantes uma vasta programação que envolve filmes, documentários, entrevistas, musicais, animações além das apreciadas séries que se estendem em diversas temporadas.

Dentre as muitas séries disponíveis nos mais diversos serviços de *streaming*, algumas certamente gozam de certo prestígio entre seus assinantes, sendo objeto de forte publicidade, premiações e críticas especializadas, contribuindo ainda mais para sua popularidade, na medida que contam com produção, roteiro, direção e elencos com qualidade semelhante aos grandes estúdios do Hollywood.

É justamente dentro dessa perspectiva que surge no ano de 2015 na Espanha a série denominada “Merlí”, que em 2018 atingiu sua terceira e provavelmente a última temporada.

Ainda que não conte, no Brasil, com a mesma estrutura publicitária de outras séries, o que certamente não a torne um sucesso de audiência entre os assinantes do serviço de streaming Netflix que a produz e disponibiliza, essa série tem se ganhado certo reconhecimento no Brasil.

Merece destaque a ousadia de Héctor Lozano, o jovem produtor e criador da série Merlí, que coloca no centro da trama um professor de filosofia, Merlí Bergeron, quando em sua grande maioria as séries se fartam de personagens policiais, vilões e heróis em contraponto ao nosso bravo educador catalão.

Trazer a filosofia para dentro de uma série popular e em linguagem acessível, com um roteiro leve e atraente não se trata de uma tarefa simples, especialmente em tempos de forte apelo tecnológico e bélico.

Assim, ao tratar da filosofia e seus problemas, mesmo com a restrição do formato de uma série, mas ao integrar a filosofia com a vida de cada aluno, fazendo-a viva e prática, como fizeram os filósofos epicuristas e estoicos, a série Merlí despertou a merecida atenção, sobretudo naqueles em que a filosofia antes era vista como desconfiada.

Merlí Bergeron e seus alunos constituem um alívio cômico e inteligente dentro de um universo amplo e complexo de séries e filmes disponíveis no universo do streaming, ao tratar do cotidiano de jovens e adultos, tendo como pano de fundo a escola Angél Guimerám onde atua nosso protagonista.

A série é ambientada em Barcelona, sendo possível afirmar que há uma forte ligação dos peripatéticos, como são chamados os alunos por Merlí, com sua cidade. Importante destacar que a série fora bem aceita na Espanha, sendo bem avaliada pela crítica e pelos espectadores, reforçando a ideia que a filosofia e

seus problemas, quando bem apresentados podem se tornar atrativos, até mesmo para os jovens, na medida que podem perceber que a filosofia não está longe da vida cotidiana.

Importante lembrar que a abordagem do cotidiano escolar com todas as suas nuances, ou seja, os alunos, professores e todos seus dramas, não é uma ideia efetivamente nova dentro do recurso fílmico, pois filmes, séries e até novelas, tem tratado destes temas a por muito tempo.

Os temas filosóficos também se apresentam com certa frequência nas telas, como vemos na obra de Wood Allen , *A outra* ( 1988 ) e; *O homem irracional* ( 2015) , o diretor austríaco Michael Haneke e sua trilogia da frieza que inclui, o sétimo continente ( 1989 ); *O vídeo de Benny* (1992) e 71 fragmentos de uma cronologia do acaso ( 1994 ), o premiado diretor polonês Krzysztof Kieslowski e seu *Decálogo* ( 1989,1990 ), o diretor russo Andrei Tarkovsky e trabalhos marcantes como *Solaris* (1971 ), *Stalker* ( 1979 ) e o *sacrifício* (1986), e por fim Ingmar Bergman e *Morangos Silvestres* e *Sétimo Selo* (1957).

Contudo, se a temática já fora empregada anteriormente, a inovação trazida pela série *Merlí*, o que pode ser um diferencial, é justamente seu valor pedagógico, pois explicita a atividade docente de um professor de filosofia que não se limita a ensinar filosofia, mas a filosofar livre e corajosamente.

Esse irreverente professor de filosofia que não faz qualquer esforço para se comportar como um professor modelo, e ao agir assim, talvez se converta num educador, que fiel a sua missão de provocar nos alunos o encantamento com o novo e o velho, não se mostra preocupado com os manuais e a burocracia escolar.

Sobre professores como *Merlí*, tempos atrás Rubem Alves, que tanto nos remete a nosso protagonista, já havia nos alertado:

O mestre nasce da exuberância da felicidade. E, por isso mesmo, quando perguntamos sobre sua profissão, os professores deveriam ter coragem para dar a absurda resposta: “Sou um pastor da alegria...” Mas, é claro, somente os seus alunos poderão atestar da verdade da sua declaração... (ALVES, 2011, p. 13)

Ainda que esta série tenha sido pouco premiada como demonstra o portal de informações especializado em cinema e televisão IMDB, ao comparamos com outras séries veiculadas pelo mesmo serviço, NETFLIX, como *House of Cards*

série americana de sucesso, ainda assim, Merlí chamou a atenção do público pela abordagem de diversos temas do cotidiano através de uma perspectiva filosófica leve, inteligente e sem qualquer verniz acadêmico dos departamentos de filosofia, mostrando que a atitude filosófica é acessível a todos. Nesse sentido, importante descartar que cada episódio das três temporadas existente, leva como título o nome de um importante filósofo, antigo ou contemporâneo, que servirá de base para a história daquele episódio.

Para muitos daqueles que assistem Merlí Bergeron e seus alunos no instituto Ángel Guimerà fica a impressão de que a filosofia pode ser ensinada dentro de uma perspectiva prática e ligada a vida em sua riqueza e complexidade.

A série Merlí busca mostrar basicamente um professor e sua árdua mais feliz tarefa na escola e também fora dela, procura colocar as coisas em perspectiva, sempre com um olhar crítico, com apenas uma única preocupação, ser ele mesmo, inclusive junto a seus alunos.

Após três temporadas e certo reconhecimento em terras brasileiras, medido pelas publicações na imprensa, retorno do público e até mesmo o recente curso ministrado por Renato Janine Ribeiro, professor de Ética e Filosofia Política da Universidade de São Paulo e ex Ministro da Educação, tendo como tema a série em questão, o professor Merlí deixará seu giz, não havendo perspectivas de uma quarta temporada.

Contudo, o legado de Merlí Bergeron não foi negligenciado, vez que o criador da série prepara um seriado derivado intitulado, *Merlí: Sapere Aude* sendo a primeira temporada gravada em 2019, que terá como protagonista seu dileto aluno Pol Rubio.

#### **4. Merlí e o ensino da Filosofia no Brasil**

O ensino da filosofia no Brasil foi marcado por períodos de ação, avanços, mas também recuos, diferentemente do que aconteceu com outras áreas do saber e disciplinas, consideradas como “imprescindíveis” pelos administradores públicos responsáveis pela educação.

É possível pensar que a questão política e ideológica foi decisiva na implantação ou suspensão do ensino da filosofia no Brasil. A saga que a filosofia enquanto disciplina cumpriu no Brasil de certa forma se assemelha ao próprio percurso que a filosofia e seus principais filósofos cumpriram em seu tempo, ora merecendo reconhecimento, ora fortes perseguições.

Ao longo dos últimos cinquenta anos é possível afirmar que não houve uma uniformidade entre todos aqueles que passaram pelos bancos escolares sobretudo no correspondente ao ensino médio quanto ao ensino da filosofia, mas também é possível afirmar que não foram poucos os alunos que não tiveram qualquer contato formal com conteúdos filosóficos ao longo de sua formação básica que antecede ao curso superior.

Neste contexto, finalmente no ano de 2008 a Lei de Diretrizes e Base após alteração em seu texto, tornou obrigatório o ensino da filosofia no ensino médio, inclusive associando esses conteúdos ao desenvolvimento da cidadania do educando, o que certamente indicava um avanço qualitativo nessa formação, vez que a mera obrigatoriedade do ensino da filosofia nas escolas não fornece garantias de que seus alunos venham a ter acesso a conteúdo educativos e filosóficos de fato formadores de uma consciência crítica e cidadã.

Há importantes questões que se relacionam com o ensino da filosofia nas escolas, tais como qual a idade ideal para que o aluno esteja aberto a tal ensino, qual a formação do professor, qual o material didático, qual a duração do ensino da filosofia, dentre tantas outras fundamentais indagações. Nessa perspectiva lembremos das antagônicas posições de Kant e Hegel, ou seja devemos nos ater na experiência crítica e radical que nos faz filosofar como pensou Kant, ou nos fiar na história da filosofia como defendeu Hegel.

Não foram poucas as escolas, sobretudo públicas, onde o ensino da filosofia jamais existiu. Ainda assim, as escolas que inseriram tal disciplina, em muitos casos o ensino da filosofia se converteu num acúmulo de conteúdos frágeis, desconexos, áridos e pouco atrativos relacionados somente a história da filosofia, recebidos naturalmente com frieza pelos alunos.

Assim, é possível afirmar que ainda que de uma maneira não contínua o ensino da filosofia no Brasil tem sido ministrado desde o início da educação formal capitaneada pelos jesuítas antes do período republicano, contudo



interesses e instabilidades políticas nunca permitiram que o ensino da filosofia alcançasse um estágio rigoroso e estável, como podemos depreender dos últimos acontecimentos trazidos pela Lei 13.415/2017, que diminuiu consideravelmente o papel da filosofia no currículo do ensino médio.

Antes da referida reforma promovida em 2017, a Lei de Diretrizes e Base, estabelecia que o ensino da filosofia deveria contribuir na construção de postura cidadã, naturalmente pelo seu caráter crítico, multidisciplinar, e sobretudo por desconstruir os discursos ideológicos vigentes.

A filosofia está intimamente ligada ao ato de saber ou conhecer, e sua presença no ensino médio se justificaria para o aprofundamento desta importante competência, nesse sentido lembremos de Hannah Arendt (JARDIM, 2011, p.23): “Já na adolescência, ela acreditava que estaria perdida, caso não pudesse estudar filosofia. A paixão por compreender foi mencionada, novamente, em um debate sobre sua obra, em Toronto, em 1972”.

Se o ensino da filosofia não objetivar despertar no jovem aluno a paixão pelo ato de conhecer, ou seja, se não for capaz de provocar o espanto como já nos advertia Platão e depois Aristóteles, certamente apenas será mais uma disciplina no currículo escolar, fadada ao esquecimento e a atrofia.

Em qualquer lugar onde a filosofia estiver incorporada à educação básica, não se pretende formar filósofos ou pensadores, mas fornecer ao aluno elementos necessários a seu desenvolvimento intelectual, permitindo ao mesmo melhor interpretar sua realidade por força de sua capacidade reflexiva, como nos lembra Luckesi:

As relações entre Educação e Filosofia parecem ser quase “naturais”. Enquanto a educação trabalha com o desenvolvimento dos jovens e das novas gerações de uma sociedade, a filosofia é a reflexão sobre o que e como devem ser ou desenvolver estes jovens e esta sociedade. (LUCKESI, 1994, p. 31)

O tratamento que a filosofia obteve dos governantes ao longo das últimas décadas no Brasil constituiu um cenário desolador, o que nos permite pensar que qualquer proposta pedagógica que venha a desenvolver o potencial crítico e reflexivo da juventude, certamente encontrará fortes resistências dos donos do poder, para usar a expressão que dá título a obra de Raymundo Faoro, que assim resume o espírito que moldou o país, onde a liberdade para negociar se mostrou mais importante que a liberdade para pensar e refletir:

De D.João I a Getúlio Vargas, numa viagem de seis séculos, uma estrutura político-social resistiu a todas as transformações fundamentais, aos desafios mais profundos, à travessia do oceano largo. O capitalismo politicamente orientado – o capitalismo político, ou o pré-capitalismo -, centro da aventura, da conquista e da colonização moldou a realidade estatal, sobrevivendo, e incorporando na sobrevivência, o capitalismo moderno, de índole industrial, racional na técnica e fundado na liberdade do indivíduo – liberdade de negocial, de contratar, de gerir a propriedade sob a garantia das instituições. (FAORO, 2000, p. 363).

É possível pensar que não somente a filosofia, mas todos os conteúdos relacionados com as humanidades podem desempenhar um papel indispensável na formação do indivíduo, sobretudo dentro de uma sociedade capitalista e tecnológica, permeada por tantas desigualdades e contradições.

Todo esse contexto histórico onde a gestão da educação formal pelo poder público fora insuficiente em seus objetivos, com diversas interrupções do ensino da filosofia, resultou na prática a um contato pouco instrutivo do ensino filosófico por parte dos alunos do ensino médio nas últimas décadas sobretudo na escola pública.

As recentes alterações trazidas pela Lei 13.415/2017, aliado ao atual clima político e social que assolam o país, não nos permite, ao menos, em curto prazo, esperar alterações que coloquem as humanidades e em especial o ensino da filosofia com o protagonismo merecido, ou seja, formador de uma conduta crítica e cidadã.

Todo educador com formação filosófica, tem ciência da relevância e até mesmo da transformação que o ensino da filosofia poderia alcançar, se adotado como política educacional pública. A razão instrumental que opera dentro de uma sociedade profundamente desigual, individualista e tecnológica teria no ensino da filosofia um importante contraponto aos jovens, dentre outras conquistas.

A inspiradora figura do professor Merlí ainda constitui um paradigma para aqueles que ousam a ensinar filosofia nas escolas numa sociedade marcada pelo imediatismo e consumo, permeada por governos que diminuem drasticamente a presença da filosofia no ensino médio, por considera-la desnecessária.

Contudo não se trata da primeira e muito menos da última luta travada pela mãe de todas as ciências, que em sua nobre missão de desnudar as ideologias, aprofundar a dúvida e buscar a verdade pode e certamente deve muito contribuir

na formação cidadã e crítica de nossos alunos, como nos tem mostrado o professor Merlí Bergeron.

## 5. Conclusão

Explicitamos os inúmeros benefícios que a disciplina de Filosofia pode trazer para os jovens, benefícios esses, atualmente, urgentes. Em uma sociedade, onde não se incentiva o pensar mais profundo e crítico sobre nós mesmos e sobre o mundo que nos rodeia, é essencial a presença intensa da Filosofia nas escolas.

Portanto, vemos a necessidade do ensino da Filosofia como disciplina obrigatória em todo o Ensino Médio e para todas as áreas do conhecimento, pois as pessoas precisam fazer, mas precisam também saber o porquê estão fazendo, a série Merlí ilustra alguns desafios desta disciplina e vários benefícios que a Filosofia pode trazer para os jovens.

## 6. Referências

ALVES, Rubem. A alegria de ensinar. Campinas, São Paulo. Papirus, 2000.

ALVES, Rubem. Rubem Alves – Ensino no Brasil. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=XJ23f\\_Gdut4](https://www.youtube.com/watch?v=XJ23f_Gdut4)>. Acesso em: 27 Dez. 2018. - YOUTUBE

ANTUNES, Janaína. Acervo de Professor. Disponível em: <<https://acervodeprofessor.blogspot.com/2012/11/carta-dirigida-professores-encontrada.html>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

BRASIL. LEI Nº 11.684, DE 2 DE JUNHO DE 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm)>. Acesso em: 26 Dez. 2018.

CESAR, Renata Paiva. O Ensino de Filosofia no Brasil. Revista Pondora Brasil, 2012.

CORTELLA, Mario Sergio. Agora é Tarde - 23/04/2013 - Mario Sergio Cortella. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UoQ8CvaYHBw&t=956s>> . Acesso em: 19 fev. 2019. YOUTUBE.

CORTELLA, Mario Sergio. Cortella fala sobre parceria com Maurício de Sousa e destaca importância da filosofia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=peRDIWGFMas>>. Acesso em: 20 fev. 2019. YOUTUBE.

CORTELLA, Mario Sergio. The Noite (01/06/15) – Entrevista com Mario Sérgio Cortella. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=r6-HxNbtNel&t=4s>>. Acesso em: 19 fev. 2019. YOUTUBE.

CORTELLA, Mario Sergio. Mario Sergio Cortella - Bienal do livro SP 2018 - Escola Sem Partido e Merlí. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=auBSWHD8DgU>>. Acesso em: 15 março 2019 - YOUTUBE.

CORTELLA, Mario Sergio. Descartes: A paixão pela razão. São Paulo: FTD, 1988.

CORTELLA, Mario Sergio. Viver em paz para morrer em paz (paixão, sentido e felicidade). São Paulo: Saraiva, 2013. (O que a vida me ensinou)

CORTELLA, Mario Sergio. Não nascemos prontos!: Provocações filosóficas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CORTELLA, Mario Sergio. Não se desespere!: Provocações filosóficas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CORTELLA, Mario Sergio. Não espere pelo epitáfio!: provocações filosóficas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CRUZ, Priscila. Depoimento da diretora do Todos pela Educação, Priscila Cruz. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uxIFMUeZMjc>>. Acesso em: 18 fev. 2019. YOUTUBE.

CRUZ, Priscila. Você muda o Brasil | Priscila Cruz. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=tkBTRoq0F1I>>. Acesso em: 18 fev. 2019. YOUTUBE.

CRUZ, Priscila. Perguntar Não Ofende com Priscila Cruz, presidente do movimento Todos pela Educação – 06/12/18. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=q2AazvK9Ehs&t=428s>>. Acesso em: 19 fev. 2019. YOUTUBE.

FAORO, Raymundo. Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro, vol.2, 10ª edição, São Paulo: Globo; Publifolha, 2000.

FERREIRA, André Luiz Silva. Ensino de Filosofia: A história da Filosofia e a prática no mundo, s/d.

FONSECA, Joel Pinheiro da. O Fim de filosofia e sociologia no ensino médio. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=YqFuXODZAqQ&t=3s>>. Acesso em: 10 fev. 2019. YOUTUBE

GONTIJO, Pedro. O ensino de Filosofia no Brasil: Algumas notas sobre avanços e desafios. Perspectivas, 2017.

HORN, Geraldo Balduino. Reflexão sobre a Medida Provisória 746 - Prof. Geraldo – UFPR. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=idLZoCch-8k>>. Acesso em: 09 fev. 2019. YOUTUBE.

HORN, Geraldo Balduino. Em Tese – Educação Filosófica (16/11/16). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3f60wyn-JiM&t=121s>. Acesso: 09 fev. 2019. YOUTUBE.

JARDIM, Eduardo. Hannah Arendt: pensadora da crise e de um novo início. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

JÚNIOR, Valter Carabetta. Rever, Pensar e (Re)significar: a Importância da Reflexão sobre a Prática na Profissão Docente. Revista Brasileira de Educação Médica, 2010.

JUNIOR, Roberto Catelli. Entre a propaganda e a realidade da Reforma do Ensino Médio. Disponível em: <<http://www.cartaeducacao.com.br/artigo/entre-a-propaganda-e-a-realidade-da-reforma-do-ensino-medio/>>. Acesso em: 09 fev. 2019.

KARNAL, Leandro. Conhece A Ti Mesmo • Leandro Karnal. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LRBYmsuyFYI>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

KARNAL, Leandro. LEANDRO KARNAL - "Todos os ditadores mexeram na área de humanas". Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=zNZX-Ot7cUY>>. Acesso em: 19 fev. 2019. YOUTUBE.

KARNAL, Leandro. - LEANDRO KARNAL - "Todas as áreas precisam de filosofia". Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=H0eID43Hs2M&t=15s>>. Acesso em: 19 fev. 2019. YOUTUBE.

KLEINMAN, Paul. Tudo que você precisa saber sobre filosofia: de Platão e Sócrates até a ética e metafísica, o livro essencial sobre o pensamento humano. São Paulo: Editora Gente, 2014.

LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

LIDBERG, Christian. MEC retira matéria de Filosofia do ensino médio. Disponível em: <[http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id\\_noticia=309522](http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=309522)>. Acesso em: 09 fev. 2019.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez, 1994.

MARINOFF, Lou. Mais Platão, menos Prozac. Rio de Janeiro: Record, 2015.

MELO, Alessandro de. Fundamentos Socioculturais da Educação. Curitiba: InterSaberes, 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Novo Ensino Médio. Disponível em: <<http://novoensinomedio.mec.gov.br/?fbclid=IwAR2F8SCzf26Mp60Zgoh1sILYXtL6uwoOy4hLOKdl7RSKGwu05HiDNkF8kdw#!/pagina-inicial#animation>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Perguntas e Respostas. Disponível em: <<http://novoensinomedio.mec.gov.br/?fbclid=IwAR2F8SCzf26Mp60Zgoh1sILYXtL6uwoOy4hLOKdl7RSKGwu05HiDNkF8kdw#!/perguntas-e-respostas>>. Acesso em: 15 fev.2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Inclusão obrigatória das disciplinas de Filosofia e Sociologia no currículo do Ensino Médio. Brasília, 2006.

NIQUITO, Thais Waideman. SACHSIDA, Adolfo. Efeitos da inserção das disciplinas de Filosofia e Sociologia no ensino médio sobre o desempenho escolar. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: IPEA, 2018.

PONDÉ, Luiz Felipe. A Ciência irá acabar com a Filosofia? – Luiz Felipe Pondé. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Y7jolRnoGZI>>. Acesso em: 18 fev. 2019. YOUTUBE.

PONDÉ, Luiz Felipe. Eu me considero um filósofo Pop? - Luiz Felipe Pondé. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=05BTG7QWr44>>. Acesso em: 19 fev. 2019. YOUTUBE.

PONDÉ, Luiz Felipe. Filosofia na infância – Luiz Felipe Pondé. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=GBG4z84XOfw>>. Acesso em: 19 fev. 2019. YOUTUBE.

REINA, Alessandro. Cinema e filosofia: ensinar e aprender filosofia com os filmes. Curitiba: Juruá, 2016.

REINA, Alessandro. Produção de Materiais e Métodos no Ensino da Filosofia. Batatais-SP: Claretiano, 2017.

YOUSAFZAI, Malala. Eu sou Malala: A história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ZANINI, Raquel Aline. Autonomia em foco: Pode um professor heterônomo formar alunos autônomos?. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2013.